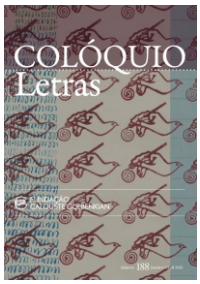

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Eça de Queirós and the Victorian Press', de Teresa Pinto Coelho]

David G. Frier

Para citar este documento / To cite this document:

David G. Frier, "[Recensão crítica a 'Eça de Queirós and the Victorian Press', de Teresa Pinto Coelho]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 254-256.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

texto inicial, delineia precisamente uma língua nova «infra-rouge ultra-violet» que é a de Ana Hatherly, com recursos tecnológico-poiéticos que redefinem as fronteiras entre as artes, abolindo-as.

L'Invention de l'écriture redesenha os contornos da exploração «verbo-voco-visual»[7] hatherlyana, numa concretização que retraça as linhas da escrita pela criação interartística, esboçando um novo conceito de leitor. O livro condensa a experimentação e a reflexão em torno das noções de representação e leitura, numa fusão de artes que, pela diversidade de meios de expressão e de tipologias textuais, revela a mão da autora, inteligente e multitecnologicamente hábil. Pelas exímias escolhas de textos e pela competente composição gráfica, este livro confirma Ana Hatherly como artista do futuro que projeta no presente a obra interartística e pluriexpressiva do devir, num efeito de Doppler[8] perene e multidimensional.

Ana Paixão

NOTAS

1 Ana Hatherly, *O Pavão Negro*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.
2 Michel Foucault, *Ceci n'est pas une pipe*, Paris, Fata Morgana, 2010, p. 27.
3 Martin Heidegger, *Le Principe de raison*, trad. André Préau, Paris, Gallimard, 1962, p. 124.
4 Ludwig Wittgenstein, *Notebooks 1914-16*, org. G. E. M. Anscombe & G. H. Wright, Chicago, Univ. of Chicago Press, 1983, p. 227.
5 Jacques Derrida, *Penser à ne pas voir*, Paris, Éditions de la Différence, 2013, p. 68.
6 Ana Hatherly, *Um Calculador de Improbabilidades*, Lisboa, Quimera, 2001, p. 288.
7 Idem, *ibid.*, p. 10.
8 Como salienta a autora: «A nossa existência é uma rápida passagem pelo mundo em efeito Doppler» (in *463 Tisanas*, Lisboa, Quimera, 2006, p. 156).

Teresa Pinto Coelho
EÇA DE QUEIRÓS
AND THE VICTORIAN PRESS
Woodbridge (Suffolk), Tamesis / 2014

Este livro, tradução inglesa da obra *Londres em Paris: Eça de Queirós e a Imprensa Inglesa* (Lisboa, Edições Colibri, 2011), propõe oferecer ao público de língua inglesa uma reflexão sobre a influência que a cultura anglófona exerceu sobre uma das principais figuras literárias e culturais do Portugal do século XIX. Conhecido já dentro do espaço de língua inglesa, sobretudo pelas excelentes traduções de Margaret Jull Costa dalguns dos seus principais romances, o Eça que descobrimos nestas páginas tem muito que ver com o romancista, mas no fundo é um educador, que deseja nada menos do que o renascimento do espírito de curiosidade sobre o mundo entre os seus compatriotas. Teresa Pinto Coelho oferece-nos uma ampla demonstração das ambições de Eça na área da educação e da renovação do seu país, utilizando como modelo a revista britânica da era vitoriana como modelo de aprendizagem.

Torna-se aqui claro que o escritor, mesmo depois de conseguir o seu desejado lugar como cônsul de Portugal em Paris, em 1888, continuou o seu contacto íntimo com o mundo anglófono, principalmente através das revistas que encomendou da livraria Galignani da Rue de Rivoli, mas também pela correspondência que manteve com figuras como Jaime Batalha Reis, que o substituíra no Consulado de Newcastle upon Tyne em 1883. O comentário oferecido pela autora indica-nos um Eça que vê a vida intelectual e cultural da Grã-Bretanha como um modelo digno de imitação num Portugal aparentemente decadente e retrógrado (embora esta perspetiva não tenha impedido o autor de criticar o comportamento do Reino

Unido no mundo em textos como «Os Ingleses no Egipto», de 1882) e que quer imitar sobretudo a *Review of Reviews*, uma revista inglesa fundada em 1890 por William Thomas Stead, um pioneiro na utilização do jornalismo como meio de introduzir reformas sociais na sociedade britânica, mas também com alguma inspiração encontrada em duas revistas anteriores, *The Contemporary Review* e *The Fortnightly Review*.

Com este desejo de criar uma versão portuguesa da revista à inglesa, Pinto Coelho identifica uma continuação do dinamismo cultural do Eça que participara nas malogradas Conferências do Casino de 1871, negando assim a imagem dum autor que pouco a pouco teria perdido o idealismo da juventude. A autora expõe com nitidez as repetidas tentativas levadas a cabo por Eça de realizar este sonho, primeiro com a sua própria iniciativa da *Revista de Portugal* (ativa entre julho de 1889 e maio de 1892), a seguir com as contribuições feitas ao *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro nos primeiros meses de 1892, e finalmente com o projeto doutra revista nova, mais ligeira, *O Serão*, que nunca chegou a ser publicada. Conforme a evidência apresentada, Eça terá sentido a necessidade de reconhecer a inviabilidade dos planos ambiciosos que inicialmente queria cumprir: a *Revista de Portugal* parece não ter conseguido a procura desejada entre o público, nem pôde contar com o elenco de autores inicialmente imaginado, e Eça teve de desistir da ideia de incluir ilustrações junto com os textos publicados. Pouco a pouco os números da revista tornaram-se menos volumosos, e a revista cessou a publicação durante alguns meses em 1891.

Foi em 1892, com o começo duma colaboração mais estreita com a *Gazeta de Notícias*, que a *Revista de Portugal* também ganhou vida nova: a revista brasileira pagou a Eça a assinatura das revistas que lhe eram necessárias para a colaboração, o que permitiu acesso às mesmas também pela *Revista de Portugal*. Mas resultou difícil manter a rede de contribuintes, sobretudo com as pressões orçamentais exercidas por um projeto internacional, e o *Suplemento* da revista brasileira também acabou por se mostrar insustentável a longo prazo.

Toda esta informação (indevidamente estudada antes) é reunida numa narrativa fluida e acessível pela autora, que conhece bem não apenas o meio intelectual português da época, mas também as correntes intelectuais e culturais relevantes no Reino Unido, nos Estados Unidos e noutros países (sobretudo a França). Teresa Pinto Coelho analisa a correspondência de Eça, reúne listas de conteúdos dos números de revistas, dos livros ingleses na biblioteca do escritor (agora em Tormes), oferece informação biográfica e bibliográfica relevante, examina as relações entre Eça e seus colaboradores, cria laços com a escrita ficcional e o jornalismo do autor, e consegue em geral pintar um retrato vivo dum projeto que parece ter sido tão importante para Eça como os seus próprios romances. Deve-se acrescentar também que a tradução de Vanessa Boutefeu oferece um texto de leitura agradável e acessível para os leitores de língua inglesa. A única falha evidente é a omissão na edição inglesa das fotografias mostradas no texto português: na nota preliminar a autora faz questão de remeter o leitor curioso para a versão original do livro de modo a ter acesso às imagens.

Apesar desta reticência, o volume apresenta um Eça antes desconhecido no mundo de língua inglesa e contribui em alto grau para oferecer um retrato mais completo dum escritor nem sempre bem compreendido: este Eça não fica distante

da terra natal, mesmo quando se encontra em Paris, Bristol ou Londres; este Eça continua, até aos últimos anos da sua vida, a procurar um Portugal mais culto, menos introvertido, prestes a tomar uma posição mais digna dentro dum mundo em mudança constante. E não se deve minimizar a importância cultural, por exemplo, das entrevistas de Jaime Magalhães Lima com Tolstoi publicadas na *Revista de Portugal*, assim como a tradução para o português de pelo menos um texto original deste importante autor. Teresa Pinto Coelho oferece-nos com este volume uma nova perspetiva sobre Eça e sobre um Portugal que talvez pudesse ter aprendido lições mais positivas com a comparação com o Reino Unido (como maior poder mundial no final do século XIX) em vez dos ressentimentos causados pelo Ultimatum de 1890 (comentados pelo próprio escritor numa crónica publicada na *Revista de Portugal* em fevereiro de 1890). Este livro é, afinal, uma contribuição de alto interesse para a compreensão não apenas de Eça mas também dum momento chave da cultura portuguesa e das relações entre Portugal e o resto da Europa.

David G. Frier

CRÓNICA

Eduardo Mayone Dias
CRÓNICAS AMERICANAS
Introdução de Francisco Cota Fagundes
Guimarães, Opera Omnia / 2013

Numa «Advertência» incluída em 1986 no volume *Novas Crónicas das Américas*, Eduardo Mayone Dias alertava os seus leitores para o facto de algumas das mesmas terem sido escritas já na década de 1970, e, usando de modéstia, afirmava mesmo que se as crónicas «têm algum valor é o de ilustrar um determinado momento» da região (127). Cinco anos antes, o autor usara da mesma modéstia em *Crónicas das Américas* (1981), para lembrar que estas tinham sido escritas entre 1971 e 1976, com vista a serem publicadas no *Diário Popular*, expressando-se por isso o temor de que delas só restasse o seu «carácter arqueológico» (25). A reserva era nesse contexto ainda maior, dado que as mesmas tinham sido escritas com a censura prévia em mente e por isso continham uma «maliciosa intençãozinha de contrastar o de lá e o de cá» (*ibid.*). Reúnem-se agora em *Crónicas Americanas* essas duas recolhas, verificando-se que os piores receios que o autor pudesse de facto ter tido não se justificavam, já que a leitura destas crónicas apresenta vários aliciantes para o leitor atual. Salienta-se desde logo a vitalidade da linguagem, que só esporadicamente denuncia as décadas decorridas desde a sua escrita. Mas é precisamente o debate que nelas se faz acerca da sociedade norte-americana, das comunidades luso-americanas e do espaço hispano-americano que confere atualidade às crónicas. Isto porque tal discussão oferece ao leitor de hoje não só a possibilidade de reconhecer a evolução das sociedades referidas — e nesse sentido o interesse arqueológico de que fala o autor não deixa de estar presente —, mas também a faculdade de distinguir o transitório do estrutural no que diz respeito quer à matriz cultural destes grupos identitários, quer ao olhar português em relação aos mesmos.

Assinale-se o cuidado tido na organização do livro, que integra a coleção «Rio Atlântico», da Opera Omnia, dirigida por Onésimo Teotónio Almeida. Incluem-se, para além dos prólogos das edições originais, de Miguel Barbosa e de José Martins Garcia, uma introdução em que Francisco Cota Fagundes vinca o perfil do «professor, do pedagogo e filólogo» Eduardo